

UMA ANÁLISE COMPARATIVA DAS EPÍSTOLAS AOS ROMANOS E AOS HEBREUS SOBRE AS ABORDAGENS CONTEXTUAIS DA FÉ CRISTÃ ENTRE JUDEUS E GENTIOS

A COMPARATIVE ANALYSIS OF THE EPISTLES TO THE ROMANS AND TO THE HEBREWS ON THE CONTEXTUAL APPROACHES TO THE CHRISTIAN FAITH AMONG JEWS AND GENTILES

Marcelo Leal Lopes Filho¹

¹ Bacharel em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN). Pós-graduado em Teologia do Novo Testamento Aplicada pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR), Brasil.
E-mail: marcelo.lop22@gmail.com

RESUMO

Este artigo realiza uma análise comparativa entre as epístolas de Romanos e Hebreus, buscando compreender como as diferenças culturais, religiosas e autorais influenciaram as abordagens distintas sobre a vivência da fé cristã. A carta aos Romanos, escrita por Paulo, apresenta um ensino sistemático voltado a um público gentio, destacando a justificação pela fé e a vida no Espírito, sem a exigência das obras da Lei. Por outro lado, a epístola aos Hebreus, de autoria anônima, dialoga com o imaginário judaico por meio de exegese tipológica e referências ao Antigo Testamento, reforçando a superioridade de Cristo e a continuidade da revelação. O método adotado é o comparativo, com base na análise histórico-gramatical, no levantamento de temas centrais e no estudo de implicações teológicas e pastorais. Conclui-se que, apesar das diferenças, as epístolas apresentam modelos complementares para o discipulado. Elas revelam dois caminhos distintos para um mesmo Cristo: o eixo unificador da fé entre judeus e gentios, ambos essenciais para a compreensão integral do cristianismo.

Palavras-chave: Romanos. Hebreus. Gentios. Judeus. Fé Cristã.

INTRODUÇÃO

Este artigo propõe uma análise comparativa entre as epístolas aos Romanos e aos Hebreus, com o objetivo de compreender como as distintas realidades culturais e religiosas de seus destinatários influenciaram as abordagens teológicas. De um lado, os gentios em Roma, alheios à Lei Mosaica; de outro, os judeus cristãos, enraizados nas tradições do Antigo Testamento (MacArthur, 2019; Sociedade Bíblica do Brasil, 2017). Essa dicotomia permite investigar como a mensagem do evangelho foi comunicada de forma relevante, sem perder sua essência.

A diversidade contextual exige uma leitura cuidadosa, pois, como destaca Gusso (2006, p. 21), “a compreensão das raízes históricas e culturais do

texto bíblico amplia o discernimento espiritual e teológico”. A pergunta que guia este estudo é: de que maneira essas diferenças influenciaram o modelo de vivência da fé cristã em cada carta? A hipótese é que os distintos contextos, somados ao perfil dos autores, resultaram na formulação de abordagens teológicas específicas, mas igualmente legítimas e pastorais.

Nesse sentido, Romanos apresenta um evangelho em bases lógicas e doutrinárias, abordando pecado, justificação e missão para uma comunidade multicultural com tensões internas (Schreiner, 1998, p. 22-25). Hebreus, por sua vez, emprega uma teologia tipológica e sacerdotal, convocando os crentes à fidelidade diante da perseguição e da tentação de retroceder (Guthrie, 1998, p. 42-44). Enquanto Romanos pode ser visto como a arquitetura universal do evangelho, Hebreus se assemelha a um santuário, onde a mesma verdade ganha expressão por meio de rica simbologia.

Fundamentado na Teologia Bíblica do Novo Testamento, este estudo visa concluir que, apesar das estratégias distintas, ambas as epístolas afirmam uma mesma verdade: a suficiência de Cristo. A teologia mostra-se latente na vida concreta dos fiéis: combate a divisão e o orgulho na comunidade romana e exorta os crentes hebreus à perseverança (MacArthur, 2019, p. 1843).

1 O CONTEXTO E A AUDIÊNCIA DAS CARTAS

Compreender o contexto das epístolas aos Romanos e aos Hebreus, seus destinatários e crises, é a chave para desvendar a genialidade pastoral de cada argumento. A análise revela a plasticidade didática do evangelho, uma mensagem única que se comunica de formas distintas.

Romanos destina-se a uma igreja multicultural em Roma, cuja crise de unidade interna foi agravada pelo retorno dos judeus cristãos após a expulsão decretada por Cláudio em 49 d.C.. Com uma maioria gentílica, a comunidade enfrentava tensões sobre a Lei e a identidade, que ameaçavam fraturar sua comunhão (Sociedade Bíblica do Brasil, 2017, p. 1827).

Hebreus, por sua vez, dirige-se a judeus convertidos que, embora conhecedores da Lei, estavam desanimados pela perseguição, que incluía prisão e “espoliação dos seus bens” (MacArthur, 2019, p. 1860). Cansados e tentados a retroceder, seu problema era uma crise de perseverança, com o risco real de apostasia para a segurança das tradições judaicas (Lane, 1991, p. LVII-LX).

Ambas as cartas respondem a realidades pastorais distintas, o que influenciou diretamente seu tom e estratégia teológica. Em Romanos, Paulo constrói pontes para sanar uma crise de unidade interna; em Hebreus, o autor finca estacas para fortalecer uma comunidade em crise de perseverança (Small, 2014, p. 12).

1.1 PROPÓSITO E DESTINATÁRIOS DE ROMANOS

A composição da igreja em Roma era um reflexo das agitações políticas do Império. Após a expulsão dos judeus da capital por Cláudio (c. 49 d.C.), os cristãos gentios assumiram a proeminência nas comunidades locais. Com o retorno gradual dos judeus cristãos a partir de 54 d.C., surgiram atritos teológicos e culturais. A carta aos Romanos é a resposta pastoral de Paulo a esse corpo fraturado, estabelecendo que a justiça de Deus é um dom recebido exclusivamente pela fé, nivelando todos sob a mesma graça (Moo, 1996, p. 26).

O apóstolo não busca apenas corrigir doutrinas equivocadas, mas reparar uma ruptura comunitária. Diferente de outras cartas, Romanos não foi escrita para censurar uma “vida ímpia”, pois a igreja era considerada doutrinariamente saudável (MacArthur, 2019, p. 1573). A retórica de Paulo, especialmente nos capítulos 1 a 3, desmantela a pretensão de superioridade moral, colocando judeus e gentios sob a mesma sentença: “todos pecaram”. A única ponte entre essas realidades é a fé em Cristo, uma confiança que se encarna na comunhão mútua. Compreender essa tensão é essencial para não tratar Romanos como um tratado abstrato, mas como uma carta a uma igreja que sangrava por dentro.

A genialidade paulina reside em fundir um discurso doutrinário robusto com um chamado pastoral sensível. Ao reinterpretar figuras como Abraão, a Lei e os Profetas, Paulo demonstra que o Antigo Testamento já apontava para um novo povo, cuja identidade não seria definida pela etnia, língua ou cultura, mas pela fé. Como observam Beale e Carson (2014, p. 29), os autores do Novo Testamento viam o AT como profecia que se cumpre plenamente em Jesus e sua comunidade. Paulo apresenta Cristo como o fundamento dessa nova humanidade formada pela fé.

Dessa forma, Romanos transcende a mera exposição doutrinária para se tornar um manual de reconciliação, respondendo às tensões culturais da igreja primitiva. A proposta prática da carta é viver a fé sem barreiras étnicas, culturais ou históricas, firmados em um único evangelho que une a todos debaixo de uma mesma visão. O objetivo final era que essa igreja unificada se tornasse uma base de apoio para a propagação do evangelho, levando os gentios “à obediência da fé, por amor do seu nome” (MacArthur, 2019, p. 1576).

1.2 PROPÓSITO E DESTINATÁRIOS DE HEBREUS

Por outro lado, Hebreus é uma “palavra de exortação” urgente de um autor anônimo a judeus convertidos que, sob intensa pressão, estavam tentados a retroceder à antiga aliança (Sociedade Bíblica do Brasil, 2017, p. 2097). Diferente da lógica paulina, sua oratória é litúrgica e pastoral, revelando uma densa compreensão dos dilemas de quem trocou as tradições visíveis de Israel por um Messias não visto fisicamente.

A fé em Cristo é apresentada não como uma ruptura com o passado, mas como sua culminação. A estratégia do autor é reler as Escrituras com lentes cristocêntricas: o que era sombra ganha corpo e o que era ritual torna-se realidade em Jesus (MacArthur, 2019, p. 1843). Como afirma Oliveira (2018, p. 67), a epístola “reorganiza as Escrituras Hebraicas à luz da revelação em Cristo, apresentando um novo centro gravitacional para a fé judaico-cristã”.

A argumentação, que alterna doutrina e exortação, apresenta Cristo como o mediador definitivo, superior aos anjos, a Moisés e a todo o sacerdócio levítico (Small, 2014, p. 30-35). A estratégia não é apenas lógica, como em Romanos, mas evocativa: o autor não catequiza os desinformados, mas convoca e consola os desanimados, buscando salvá-los do risco de apostasia (Lane, 1991, p. LXXIX). É uma pregação desafiadora, escrita com a urgência de quem conhece tanto o perigo da queda quanto a superioridade do Autor da salvação (Guthrie, 1998, p. 50-52).

1.3 PROBLEMAS TRATADOS EM CADA CARTA (JUSTIFICAÇÃO VS. APOSTASIA)

Tanto a carta aos Romanos quanto a carta aos Hebreus respondem a crises que ameaçavam a integridade da fé cristã em seus respectivos contextos. Em Romanos, o problema não era o abandono, mas a corrupção da fé: cristãos de diferentes origens tentando domesticar a graça com o mérito da Lei ou com a licença moral (Schreiner, 1998, p. 18-21). Já em Hebreus, o desafio era o risco iminente de abandonar a fé por completo, em face do medo e do cansaço (Lane, 1991, p. LXIII). Em uma, a graça precisava ser defendida de sua manipulação; na outra, de seu esquecimento.

Em Roma, o perigo não era a deserção explícita, mas a sutil deturpação do evangelho em uma religião meritória, o que gerava divisão entre judeus e gentios (Sociedade Bíblica do Brasil, 2017, p. 1827). Por isso, Paulo insiste em um fundamento que anula toda pretensão humana: “O justo viverá pela fé” (Romanos 1: 17) e “justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus” (Romanos 5: 1). Sua resposta é profundamente pastoral, pois desarma a autoconfiança religiosa e afirma que a justificação é um dom gratuito. Como mostra Carson (2010a), a fé que justifica não é um esforço humano, mas “a mão vazia que se estende para receber a justiça de Deus”.

Hebreus, por outro lado, enfrenta algo mais profundo que um erro doutrinário: a falência emocional da fé. A comunidade estava exausta pela perseguição e pela pressão para retornar a um sistema religioso mais tangível e socialmente aceito (MacArthur, 2019, p. 1843). Por isso, o autor alterna entre advertências severas sobre o perigo de apostasia e promessas ternas da supremacia de Cristo, como quem bate e abraça ao mesmo tempo. A estrutura da carta, que intercala exposição teológica com exortação prática, reflete essa estratégia de preservar a fé dos que estavam prestes a cair (Small, 2014, p. 15).

Portanto, enquanto em Romanos se erguem fundamentos teológicos para combater o legalismo e a divisão, em Hebreus se constrói um abrigo espiritual para fortalecer os que corriam o risco de ruir. O tema da justificação serviu para unificar uma igreja dividida internamente, enquanto a ênfase na superioridade de Cristo foi projetada para encorajar a perseverança de uma igreja ameaçada externamente (Guthrie, 1998, p. 51). Ambas as cartas, em suas diferentes abordagens, não visam apenas informar, mas sustentar vidas diante da ameaça, seja ela doutrinária ou existencial.

2 ESTRUTURA E DESENVOLVIMENTO TEOLÓGICO

Compreendidos os contextos das epístolas, observamos agora como essas realidades influenciaram seu desenvolvimento teológico. Ambas as cartas apresentam construções teológicas robustas, mas com estilos distintos. Paulo escreve Romanos de forma lógica e progressiva, edificando o que é considerado por muitos a mais bem organizada de suas cartas (Sociedade Bíblica do Brasil, 2017, p. 1828). Já o autor de Hebreus desenvolve uma “palavra de exortação” vibrante, alternando profundidade teológica com exortação pastoral para responder à tentação de retroceder (MacArthur, 2019, p. 1871).

Neste capítulo, analisaremos como os temas centrais – pecado, fé, aliança e Cristo – são apresentados em cada carta, revelando como as especificidades das audiências moldaram a proclamação do evangelho. As distinções de estilo entre Paulo e o autor anônimo de Hebreus, por exemplo, já eram reconhecidas na antiguidade pelos Pais da Igreja (Sociedade Bíblica do Brasil, 2017, p. 2097).

Fica claro que, embora os caminhos retóricos sejam distintos, o ponto de chegada é o mesmo: a afirmação de Cristo como o firme fundamento da nova aliança e o modelo supremo da vida cristã.

2.1 ESTRUTURA SISTEMÁTICA E DOUTRINÁRIA DE ROMANOS

A epístola aos Romanos é reconhecida por sua completa e cuidadosa estrutura teológica, um verdadeiro “apelo radical à nova humanidade formada pela cruz e pelo Espírito” (Wright, 2023). Paulo não escreve de forma fragmentada; ele organiza a doutrina da salvação em um argumento coeso que avança da universalidade do pecado às implicações práticas da fé (MacArthur, 2019, p. 1574). A estrutura segue um encadeamento progressivo: a condenação universal (caps. 1-3), a justificação pela fé (caps. 3-5), a santificação na nova vida (caps. 6-8), o plano soberano de Deus para Israel (caps. 9-11) e a aplicação prática (caps. 12-15).

Como observa Moo (1996, p. 26-27), Paulo articula a justificação como o ponto comum que une judeus e gentios, superando as tensões étnicas com base na graça. Ele utiliza figuras familiares como Abraão e Davi para se conectar com sua audiência judaica, enquanto mantém a mensagem acessível aos gentios (MacArthur, 2019, p. 1599). Schreiner (1998, p. 22) acrescenta que essa doutrina possui implicações que transcendem o indivíduo, pois visa formar uma nova comunidade unificada em torno da fé em Cristo.

Essa intenção se torna explícita na seção final, na qual Paulo traduz a teologia em vida prática. As orientações sobre o uso dos dons, o amor mútuo, o respeito às autoridades e a tolerância cultural (caps. 12-14) não são apêndices morais, mas a consequência lógica da justificação (Schreiner, 1998, p. 643-645). Assim, Romanos não é apenas um tratado teológico, mas um manual de reconciliação para uma igreja

multicultural. A estrutura sistemática da epístola é uma ferramenta pastoral projetada para demolir as barreiras de orgulho, oferecendo não apenas uma doutrina para crer, mas um modelo de comunidade para se viver (Sociedade Bíblica do Brasil, 2017, p. 1828). A estrutura lógica reflete a mente de Paulo, um teólogo sistemático que buscava unificar uma comunidade dividida.

2.2 ESTRUTURA EXPOSITIVA E ARGUMENTATIVA DE HEBREUS

Diferente da estrutura sistemática de Romanos, Hebreus se apresenta como um sermão apaixonado, uma “palavra de exortação” (MacArthur, 2019, p. 1871). Seu autor anônimo, perito em retórica, alterna de forma magistral entre densa doutrina e exortação pastoral, usando símbolos familiares para convencer os leitores a permanecerem firmes em Cristo, cuja revelação indica os “últimos dias” (Hebreus 1: 2).

A carta é construída sobre uma série de contrastes: antigo e novo, sombra e realidade, temporário e eterno. Utilizando a técnica retórica da *synkrisis* (comparação), o autor argumenta consistentemente que Cristo é superior a todas as figuras da antiga aliança: anjos, Moisés e o sacerdócio levítico (Small, 2014, p. 32). Como ressalta Oliveira (2018, p. 85), o uso do Antigo Testamento é tipológico, reorganizando os símbolos antigos à luz da nova aliança. O autor parte da familiaridade dos leitores com a Lei para conduzi-los à plenitude encontrada exclusivamente em Cristo.

A estrutura da epístola reflete sua natureza como de um sermão, intercalando blocos teológicos com advertências e exortações que servem como aplicação pastoral imediata (Sociedade Bíblica do Brasil, 2017, p. 2097). A teologia não é um fim em si mesma, mas o fundamento para chamados urgentes como “corramos com perseverança a carreira que nos está proposta” (Hebreus 12: 1). Lane (1991, p. LXXIX) observa

que essa fusão entre profundidade teológica e urgência pastoral é a estratégia central para firmar os leitores diante da tentação de abandonar a fé.

Em última análise, a carta aos Hebreus não só ensina: ela consola e encoraja. É teologia aplicada com o propósito explícito de sustentar os cansados. Como destaca Guthrie (1998, p. 45), seu estilo homilético é inteiramente voltado ao encorajamento prático em meio ao sofrimento, tornando-a uma das obras mais “intensamente práticas” do Novo Testamento. Esse estilo homilético revela um autor imerso na cultura judaico-helenística, usando a retórica para exortar à perseverança.

2.3 COMPARAÇÃO DOS TEMAS CENTRAIS: PECADO, FÉ, ALIANÇA E CRISTO

As cartas aos Romanos e aos Hebreus tratam dos pilares da fé cristã, mas os adaptam teologicamente para seus públicos distintos. A análise de quatro temas centrais revela a profundidade dessa adaptação pastoral.

Em Romanos, o pecado é apresentado como um poder universal e escravizador, uma condição que afeta toda a humanidade, sem distinção entre judeus e gentios (Romanos 3: 23). O problema é um estado de condenação que exige uma solução externa: a justificação (MacArthur, 2019, p. 1594). Em Hebreus, embora a necessidade de purificação seja central, o foco do pecado está em sua manifestação como desobediência, incredulidade e endurecimento do coração, o que leva à apostasia (Hebreus 3: 12-15; 10: 26-29). O pecado aqui não é apenas uma condição, mas um ato deliberado de se afastar de Deus, fazendo lembrar a rebelião da geração do deserto (Sociedade Bíblica do Brasil, 2017, p. 2103).

Consequentemente, a fé assume ênfases diferentes. Para Paulo, a fé é o instrumento de justificação, o meio pelo qual a graça de Deus é recebida, em oposição direta às obras da Lei (Romanos 3: 28). Ilustrada

pelo exemplo de Abraão, a fé é a confiança passiva que recebe o dom da justiça (Schreiner, 1998, p. 203). Como afirma Carson (2010a), “a fé que justifica não é uma obra; é a mão vazia que se estende para receber a justiça de Deus”. Em Hebreus, a fé é sinônimo de perseverança e fidelidade, a capacidade de crer na realidade invisível apesar das pressões visíveis, como demonstram os heróis do capítulo 11. É uma fé ativa que corre com resistência, olhando para Cristo (Small, 2014, p. 201).

A aliança também ganha nuances distintas. Em Romanos, a Nova Aliança em Cristo inaugura a era da Graça, superando a impotência da Lei Mosaica para salvar e santificar (Romanos 6-8). Em Hebreus, a Nova Aliança não é apenas posterior, mas intrinsecamente “superior” (Hebreus 8: 6), pois possui um sacerdote superior, um santuário celestial e promessas melhores (Lane, 1991, p. 204). Como resume Carson (2003b), “Hebreus usa as Escrituras hebraicas com reverência e ousadia, reconhecendo nelas sombra e prenúncio do que Cristo realizou”.

Por fim, a Cristologia, o cerne de ambas as cartas, é apresentada com focos que se complementam. Em Romanos, Cristo é o Justificador, aquele cuja morte na cruz é a manifestação suprema da justiça de Deus, que simultaneamente condena o pecado e salva o pecador (Romanos 3: 21-26). Em Hebreus, Cristo é o Sumo Sacerdote perfeito e eterno (Hebreus 4: 14; 10: 12), cuja obra sacerdotal no santuário celestial inaugura um “caminho novo e vivo” até o trono da graça (Ellingworth, 1993, p. 524). Ambas as epístolas, em suas ênfases distintas, chegam à mesma conclusão: Cristo é suficiente.

3 A APLICAÇÃO PRÁTICA DA FÉ CRISTÃ

A teologia bíblica não é abstrata; nas epístolas aos Romanos e aos Hebreus, a fé transforma a vida e fortalece o crente em sua jornada. Após densas exposições doutrinárias, ambas as cartas convergem em um ponto essencial: o evangelho se manifesta em atitudes concretas de santidade e perseverança. Enquanto a teologia de Romanos culmina em sua “aplicação prática na vida individual”, Hebreus se mostra “intensamente prática em sua aplicação à vida cotidiana” (MacArthur, 2019, p. 1843).

Em Romanos, Paulo detalha como a justificação se traduz em amor, cidadania e acolhimento (caps. 12-16). Em Hebreus, a exortação é contínua, convocando os leitores a perseverar e a não retroceder, tendo Jesus como modelo (Small, 2014, p. 201-205). A fé verdadeira, em ambos os casos, se expressa no modo como se vive e se persiste.

3.1 EXORTAÇÕES PRÁTICAS EM ROMANOS

Após construir seu sólido edifício doutrinário, Paulo inicia a aplicação prática com um apelo transformador: “apresenteis o vosso corpo como sacrifício vivo” (Romanos 12: 1-2). Esta transição da crença para o comportamento demonstra que a fé que justifica reorienta toda a existência, expressando-se em ações concretas como o serviço humilde, o uso dos dons e o amor sincero (Romanos 12: 3-13).

A espiritualidade que Paulo propõe é eminentemente comunitária, moldada para resolver as tensões em Roma entre os “fracos”, provavelmente judeus cristãos, e os “fortes”, provavelmente gentios (Sociedade Bíblica do Brasil, 2017, p. 1867). Em vez de impor um padrão único, ele orienta à empatia e à edificação mútua (caps. 14-15),

mostrando que a fé não anula a diversidade, mas a reconcilia na graça. Esta abordagem oferece um paradigma para o evangelismo atual: não se trata de impor uma nova cultura, mas de acolher o novo crente, respeitando sua jornada.

A vida justificada pela fé também se manifesta na esfera cívica e ética. Em Romanos 13, Paulo instrui os crentes sobre sua responsabilidade para com o governo, resumindo a Lei no mandamento do amor (MacArthur, 2019, p. 1656-1659). Assim, a teologia torna-se visível no cotidiano. A aplicação suprema da fé em Romanos é o chamado final à harmonia: “Acolhei-vos uns aos outros, como também Cristo nos acolheu” (Romanos 15: 7). A doutrina da justificação não termina em uma declaração legal, mas floresce em uma comunidade reconciliada, unida para a glória de Deus.

3.2 EXORTAÇÕES PRÁTICAS EM HEBREUS

Em Hebreus, doutrina e prática caminham juntas. A epístola não é um tratado com uma aplicação ao final, mas sua teologia inspira a exortação (Sociedade Bíblica do Brasil, 2017, p. 2097). O autor admoesta com urgência, consciente de que seus leitores corriam o risco real de abandono da fé (MacArthur, 2019, p. 1843). Suas advertências são firmes e imediatas: “importa que nos apeguemos com mais firmeza às verdades ouvidas” (Hebreus 2: 1) e “não endureçais o vosso coração” (Hebreus 3: 15).

O foco das exortações não está em regras externas, mas na perseverança interior. A fé prática, aqui, é resistência ativa, como ilustrado pelos heróis de Hebreus 11. Como comenta Wright (2021, p. 131-133), crer, em Hebreus, é seguir confiando na promessa mesmo quando o sofrimento do presente parece desmenti-la. Ao mesmo tempo, a carta aponta para a esperança em Cristo como uma “âncora da alma” (Hebreus 6: 19), encorajando os leitores a olharem firmes para Jesus (Hebreus 12: 2).

As ricas imagens do culto (o trono da graça, o véu rasgado, o sacrifício único) servem como lembretes pastorais de que a nova aliança oferece acesso direto a Deus, mesmo em meio à dor (MacArthur, 2019, p. 1843). Finalmente, Hebreus ressalta que essa perseverança é comunitária: “Consideremo-nos uns aos outros [...] não deixemos de congregarmos” (Hebreus 10: 24-25). A fé é sustentada em comunidade, não em isolamento. Essa abordagem oferece um poderoso modelo para o discipulado de crentes em crise hoje: em tempos de desânimo, a resposta não são novas regras, mas uma esperança firme, vivida em comunidade, com os olhos fixos em Cristo.

3.3 A UNIDADE DO EVANGELHO NA DIVERSIDADE DE PÚBLICOS

As epístolas aos Romanos e aos Hebreus, embora partam de realidades pastorais distintas, revelam que o evangelho é uma mensagem única, capaz de se comunicar com culturas diversas sem perder sua essência. De um lado, o mundo gentílico de Roma; do outro, judeus convertidos pressionados a retornar ao sistema antigo.

Em Romanos, Paulo promove a unidade através da inclusão universal pela fé, destacando que “não há distinção, pois todos pecaram” (Romanos 3: 22-23). Como ressalta Moo (1996, p. 26-28), a estrutura da carta é orientada para mostrar como a justificação pela fé supera as distinções étnicas. Wright (2023, p. XI-XIII) reforça que a cruz desmonta as estruturas de status, oferecendo uma nova identidade baseada na graça. Em Hebreus, a unidade é alcançada pelo cumprimento radical em Cristo. Oliveira (2018, p. 85-112) explica que a epístola utiliza o Antigo Testamento como o tecido simbólico que aponta para Cristo como o centro da revelação, convidando os judeus a interpretarem sua própria herança à luz da nova e superior aliança (Ellingworth, p. 396-431).

Essa tensão entre diversidade e unidade é abordada por Paulo de forma semelhante em 1 Coríntios. Diante da busca judaica por sinais e da busca grega por sabedoria, ele apresenta a mensagem unificadora: “nós pregamos a Cristo crucificado” (1 Coríntios 1: 22-23). A Bíblia de Estudo NAA (2017, p. 1916) comenta que a cruz subverte as pretensões culturais de ambos os grupos. A verdadeira unidade cristã não exige uniformidade cultural, mas submissão comum a Cristo.

O evangelho pôde ser anunciado em tom lógico para os romanos e em tom homilético para os hebreus, contanto que mantivesse a cruz como seu centro. Isso oferece um modelo para hoje: a mensagem aos não crentes (como em Romanos) deve ser fundamental e inclusiva, enquanto a mensagem aos crentes em crise (como em Hebreus) deve ser exortativa e focada na suficiência de Cristo. Ambas as abordagens demonstram que a fé não impõe um molde cultural único, mas transforma todas as culturas a partir de um mesmo e suficiente Senhor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta análise confirma que, apesar das diferenças contextuais, as epístolas aos Romanos e aos Hebreus proclamam a mesma mensagem: a absoluta suficiência de Cristo. Em Romanos, Paulo ergue a arquitetura da graça, unificando judeus e gentios pela fé, não por obras. Em Hebreus, um autor anônimo nos acolhe em um santuário de esperança, demonstrando que a antiga aliança se cumpriu de forma superior em Cristo, oferecendo refúgio a uma comunidade exausta.

Sendo assim, essa dualidade oferece um paradigma vital para a missão da Igreja. Romanos fornece o modelo para o evangelismo ad extra, com seu diagnóstico universal e a justificação pela fé como porta de entrada. Hebreus, com seu chamado à perseverança, oferece o manual para o discipulado ad intra, o cuidado com o crente que sente o peso da jornada.

Em um mundo fragmentado, a Igreja é chamada a exercer essa dupla missão: construir pontes de graça para os céticos e ser um porto seguro para os santos exaustos.

A resposta para a apatia e a divisão de nossa era não será encontrada em programas mais sofisticados, em discursos mais polidos ou em uma nova teologia. A resposta continua sendo a mesma: um convite radical para encontrar uma Pessoa: o Cristo crucificado, ressurreto e eternamente suficiente. As páginas de Romanos e Hebreus nos mostram que a fé cristã, em sua essência, não é sobre seguir uma ideia, mas sobre se render a um Salvador. Um Redentor que não apenas perdoa nosso passado, mas que, como nosso Sumo Sacerdote, caminha conosco em nosso presente de fraquezas, sustentando-nos até o fim. Este é o evangelho completo. Esta é a mensagem que transforma culturas e séculos. E esta é a única esperança verdadeiramente suficiente para o coração humano.

REFERÊNCIAS

BEALE, G. K.; CARSON, D. A. (Org.). **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2014.

CARSON, D. A. **By Faith Alone: Romans 3:27-4:25**. The Gospel Coalition, 2010. Disponível em: <https://www.thegospelcoalition.org/sermon/by-faith-alone-romans-3-27-4-25/>.

CARSON, D. A. **The Cross and Christian Theology: Romans 3:21-26**. The Gospel Coalition, 2010. Disponível em: <https://www.thegospelcoalition.org/sermon/the-cross-and-christian-theology-romans-3-21-26/>.

CARSON, D. A. **Por que Hebreus cita o Antigo Testamento dessa forma? Parte 1**. The Gospel Coalition, 2003. Disponível em: <https://www.thegospelcoalition.org/sermon/why-does-hebrews-cite-the-ot-like-that-part-1/>.

CARSON, D. A. **Por que Hebreus cita o Antigo Testamento dessa forma? Parte 2.** The Gospel Coalition, 2003. Disponível em: <https://www.thegospelcoalition.org/sermon/why-does-hebrews-cite-the-ot-like-that-part-2/>.

ELLINGWORTH, Paul. **The Epistle to the Hebrews.** Grand Rapids: Eerdmans, 1993.

GRUDEM, Wayne. Perseverance of the Saints: A Case Study from Hebrews 6: 4-6 and the Other Warning Passages of Hebrews. *Journal of the Evangelical Theological Society, Scottsdale*, v. 34, n. 2, p. 133-169, jun. 1991.

GUSSO, Antônio Renato. **Panorama Histórico de Israel: para estudantes da Bíblia.** Curitiba: Editora A.D. Santos, 2006.

GUTHRIE, George H. **Hebrews: The NIV Application Commentary.** Grand Rapids: Zondervan, 1998.

LANE, William L. **Hebrews.** 2 vols. Dallas: Word Books, 1991.

MACARTHUR, John. **Comentário Bíblico MacArthur.** São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2019.

MOO, Douglas J. **The Epistle to the Romans.** Grand Rapids: Eerdmans, 1996.

OLIVEIRA, Tiago. **Sombras de Cristo: o uso do Antigo Testamento em Hebreus.** São Paulo: Editora Hagnos, 2018.

SCHREINER, Thomas R. **Romans.** Grand Rapids: Baker Academic, 1998.

SMALL, Brian C. **The Characterization of Jesus in the Book of Hebrews.** Leiden: Brill, 2014.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL (Org.). **Bíblia de Estudo NAA.** Barueri, SP: SBB, 2017.

WRIGHT, N. T. **Hebrews for Everyone.** 20th Anniversary Edition. Louisville: Westminster John Knox Press, 2021.

WRIGHT, N. T. **Romans for Everyone: Part 1 (Chapters 1-8)**. 20th Anniversary Edition. Louisville: Westminster John Knox Press, 2023.